

## A PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NO BRASIL: UM ESTADO DA ARTE

### The Postgraduate in Geography in Brazil: a stateoftheart

Richarlison da Costa e Silva - Suframa  
Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
[richarlison.silva@suframa.gov.br](mailto:richarlison.silva@suframa.gov.br)

Ricardo José Batista Nogueira - UFAM  
Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
[nogueiraricardo@uol.com](mailto:nogueiraricardo@uol.com)

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados da dissertação de mestrado intitulada “Análise da produção científica em Programas de Pós-graduação em Geografia no Brasil (1987-2006)”, submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - PPGEOG/UFAM em 2010. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico cujo objetivo principal foi inventariar a pesquisa em Programas de Pós-graduação em Geografia no Brasil. Foram analisados 3992 títulos de teses e dissertações defendidas no período de 1987 a 2006. Os dados bibliográficos e os resumos dos trabalhos foram obtidos no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os resumos foram analisados segundo a proposta de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Os resultados obtidos revelam um domínio da área de Geografia Humana, um declínio da produção de trabalhos na área de Geografia Física e uma tendência crescente dos estudos ambientais.

**Palavras-chave:** Geografia. Estado da Arte. Pós-graduação. Produção Geográfica.

**ABSTRACT:** This paper presents the results of the master thesis entitled "Analysis of the scientific production in Graduate Programs in Geography in Brazil (1987-2006)", submitted to the Postgraduate Program in Geography of the Federal University of Amazonas-PPGEOG / UFAM In 2010. This is a bibliographical research whose main objective was to inventory the research in Postgraduate in Geography in Brazil. A total of 3992 theses and dissertation titles were analyzed from 1987 to 2006. Bibliographic data and abstracts were obtained from the Thesis Bank of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). The abstracts were analyzed according to the proposal of Content Analysis of Bardin (1977). The results obtained reveal a domain of Human Geography, a decline in the proportion of works in the area of Physical Geography and a growing trend of environmental studies.

**Keywords:** Geography. State of art. Postgraduate studies. Geographical Production.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento” procuram, fundamentalmente, inventariar e analisar a produção bibliográfica em determinado campo do saber. A contribuição deste tipo de pesquisa reside no fato de que ela procura retratar a totalidade de estudos desenvolvidos em

área específica do conhecimento, evidenciando ênfases, mudança de temáticas abordadas, lacunas, tendências, entre outros aspectos que variam de acordo com o recorte temático do estudo (FERREIRA, 2002).

Diante disso, a presente pesquisa teve a finalidade de retratar o estado da arte da Geografia produzida no Brasil, com vistas a inventariar a diversidade que compõe esta disciplina, uma vez se tratar de um campo do saber científico reconhecidamente diversificado, tanto em termos de temáticas abordadas quanto no que diz respeito aos instrumentos e métodos empregados nas pesquisas.

Os programas de pós-graduação constituem um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisa nas mais diversas áreas. Não poderia ser diferente no âmbito da Geografia. Desde a década de 1990, vem ocorrendo um crescimento do número de programas de pós-graduação na área reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), favorecendo o fortalecimento da disciplina no país. À época do levantamento de dados da pesquisa, a área já contava com 41 programas, sendo 17 com os dois níveis (mestrado e doutorado) e 24 com um nível (mestrado). Considerando que as diferentes perspectivas teórico-metodológicas atuantes na área fundamentam as pesquisas desenvolvidas nesses programas, a análise dos dados bibliográficos e das temáticas abordadas é indicadora do estado da arte da disciplina como um todo e do seu desenvolvimento institucional no país. Em função disso, elegeu-se como fonte da pesquisa as dissertações e teses defendidas nestes programas no período de 1987 a 2006. Buscou-se, além de quantificar esta produção, analisá-la em termos de temáticas de estudo, ou seja, identificar quais problemas têm despertado interesse dos profissionais da área de Geografia no país.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A metodologia consistiu na interpretação dos resumos e dos dados bibliográficos de teses e dissertações obtidos no Banco de Teses da CAPES. Trata-se de uma fonte de dados secundária, dada a impossibilidade de analisar diretamente os originais, correndo-se o risco do texto encontrado não corresponder integralmente ao inserido pelo autor na tese ou dissertação. Não raro, esta situação aparece quando se trata de catálogos de resumos produzidos pelas instituições de ensino superior, uma vez que “um resumo de uma tese transposto para um catálogo impresso ou para um catálogo eletrônico pode sofrer diferentes operações (cortes e acréscimos) feitas a muitas mãos, por diferentes motivos totalmente desconhecidos do leitor” (FERREIRA, 1999, p. 128).

Por outro lado, a divulgação da pesquisa por meio deste instrumento tem sua importância, na medida em que os catálogos colocam a disposição de um vasto público, informações acerca das pesquisas produzidas nas diversas áreas. Embora cientes das limitações da fonte adotada na pesquisa, não deixamos de explorá-la da maneira como ela se apresenta. Consideramos que o seu conteúdo de alguma forma advém das pesquisas submetidas aos programas de pós-graduação em Geografia, situados em instituições responsáveis por fornecer os dados de suas teses e

dissertações à CAPES para divulgação no Banco de Teses. Dessa forma, acreditamos que os títulos e resumos possuem elementos capazes de esclarecer pelo menos o tema abordado nas pesquisas.

Outra limitação relativa à fonte pesquisada diz respeito à insuficiência de conteúdo capaz de indicar os procedimentos metodológicos empregados nas pesquisas e os seus referenciais teóricos, o que nos levou a descartar a tentativa de quantificar e classificar estes elementos na pesquisa. Todavia, isso não nos impediu de traçar breves considerações a esse respeito. Entendemos que para uma análise mais precisa sobre a metodologia das pesquisas e o referencial teórico adotado demandaria uma leitura de outros itens dos trabalhos e não somente o resumo, o que exigiria mais tempo, um recorte mais restrito, além do acesso aos originais. Monteiro (1980) em pesquisa pioneira sobre tendências da Geografia no Brasil se deparou com a mesma dificuldade de classificar os elementos teóricos e metodológicos da produção acadêmica:

Oscilando entre as tentativas de classificação por caráter “metodológico” (finalmente abandonada pela complexidade do acervo e escassez de tempo para uma análise mais profunda) acabou refletindo tão somente a preferência “temática” (o que, de certo modo, já foi de muita utilidade para os propósitos deste trabalho) (MONTEIRO, 1980, p. 10).

Dessa forma, também nos limitamos a classificar os trabalhos segundo a temática dos estudos, por entendermos que esta leitura era possível a partir do material que tivemos a nossa disposição naquele momento.

O material foi adquirido parcialmente a partir dos seguintes procedimentos:

1. Identificação das Instituições de Ensino Superior que possuíam Programas de Pós-graduação em Geografia reconhecidos pela CAPES;
2. Destes programas, foram destacados os que possuíam teses e dissertações defendidas até o ano de 2006 (29 Programas);
3. No site da CAPES foram adquiridas as referências aos trabalhos do período de 1998 a 2006, com o objetivo de obter o nome do autor e o título da tese ou dissertação, itens necessários para a busca no Banco de Teses. Os dados referentes aos anos anteriores a 1998 foram adquiridos nos sites das Instituições de Ensino Superior cujos Programas de Pós-graduação disponibilizavam estes dados na Web (ao todo foram encontrados 3992 títulos);
4. Foi elaborado um Banco de Dados no software Microsoft Office Excel 2007 contendo nome do autor, título do trabalho, ano, nível de formação, instituição, Unidade da Federação, região geográfica e dependência administrativa.
5. Os dados bibliográficos e o resumo dos trabalhos (quando disponíveis) foram obtidos no Banco de Teses da CAPES a partir da busca por título do trabalho e/ou nome do autor.

O trabalho de interpretação dos resumos foi realizado segundo a proposta de Badin (1977) de Análise de Conteúdo. Esta proposta é definida como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42)

Em nossa pesquisa, adotamos o tema como unidade de registro, partindo do princípio de que “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’, que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

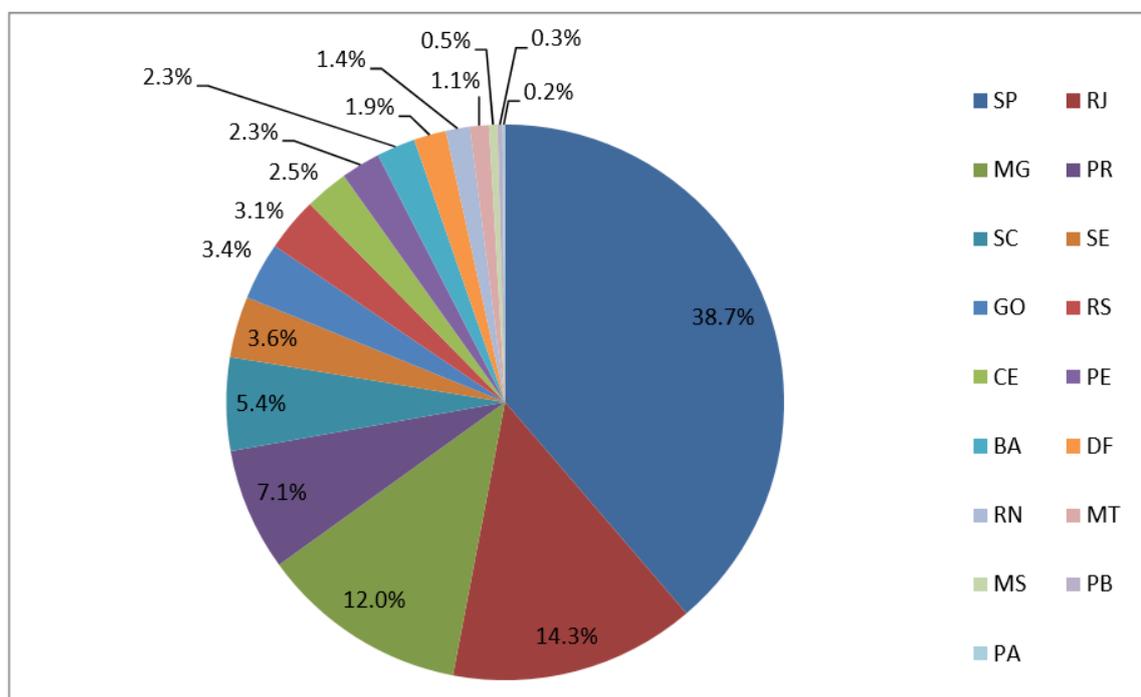
Os resultados foram tratados a partir de operações estatísticas simples (percentagens), permitindo a produção de elementos válidos para a sua interpretação (gráficos, tabelas, diagramas).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O material considerado compreendeu um total de 3992 títulos distribuídos entre 29 programas de pós-graduação em geografia entre os anos de 1987 e 2006, sendo 21 % de teses de doutorado e 79% de dissertações de mestrado. Deve-se ressaltar que a quantidade de trabalhos não corresponde ao total da produção neste período, uma vez que não tivemos acesso a todos os títulos, sobretudo, os anteriores ao ano de 1998. Todavia pode-se afirmar que a amostra analisada é representativa da produção científica da pós-graduação em geografia desenvolvida no país.

No que diz respeito aos locais de produção dos trabalhos analisados, identificamos o domínio de algumas instituições localizadas na região Sudeste do país, sobretudo as paulistas, em função da própria concentração de cursos naquela região, além do fato dessas instituições terem sido pioneiras na formação de cursos de pós-graduação no país. Dos trabalhos considerados na pesquisa, 59,82% foram defendidos na região Sudeste, 15,68% na região Sul, 12,32% no Nordeste e 12,02% na região Centro-Oeste. Na região Norte, identificamos apenas seis dissertações de mestrado defendidas no ano 2006 no programa de pós-graduação na Universidade Federal do Pará, correspondendo ao percentual de 0,15% da produção total. Considerando como recorte as Unidades da Federação, destacam-se o estado de São Paulo com 38,7%, Rio de Janeiro (14,3%), Minas Gerais (12,0%) e Paraná (7,1%) (ver gráfico 1).

Gráfico 01 - Distribuição dos títulos segundo Unidade da Federação (1987-2006)

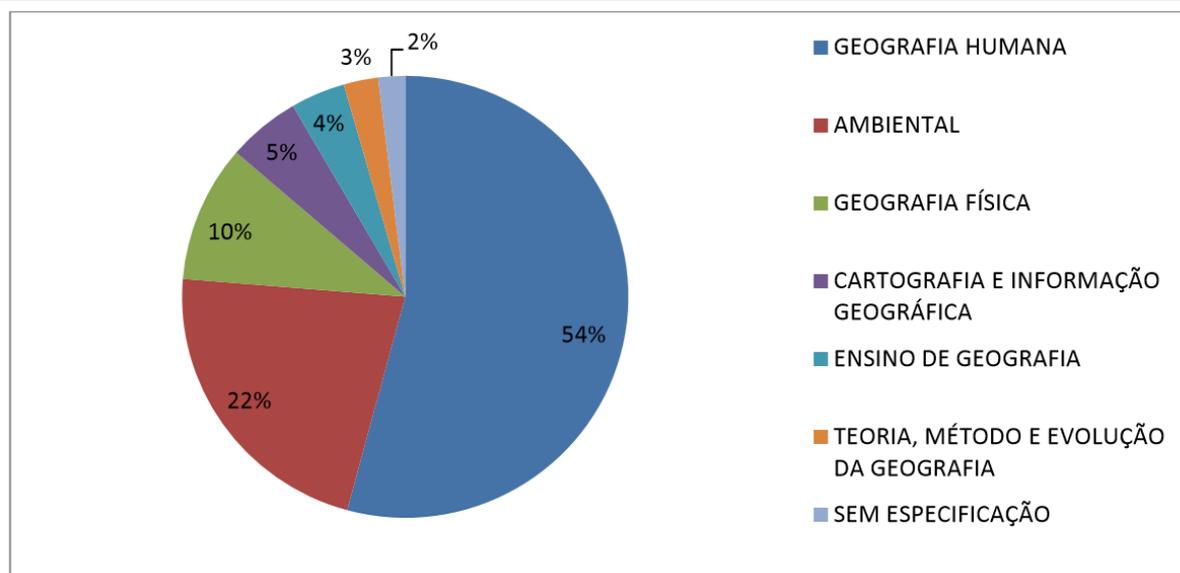


Fonte: Banco de dados da pesquisa/CAPES, 2010. Organizado por: SILVA, 2017.

No que concerne à dependência administrativa das instituições, prevaleceu o domínio das instituições públicas federais (52%) e estaduais (46%). A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) é a única instituição particular que aparece como local de defesa de teses e dissertações, com 71 títulos, 2%.

Quanto à análise do conteúdo dos resumos, a primeira preocupação foi a definição das categorias temáticas. Diante disso, num primeiro momento, registramos a divisão da Geografia em duas grandes áreas Geografia Física e Geografia Humana. A primeira correspondendo aos estudos geográficos sobre a dinâmica da natureza em seus diferentes aspectos (relevo, clima, vegetação, solos, etc.) e a segunda aos temas dos estudos geográficos que consideram a dinâmica da sociedade. Destacamos a questão ambiental como categoria distinta de estudos, uma vez que aparece como perspectiva integradora de aspectos tanto relacionados à Geografia Física quanto a Geografia Humana. De forma análoga, destacamos as categorias Ensino de Geografia, Cartografia e Informação Geográfica e Teoria, Método e Evolução do Pensamento Geográfico. Verificou-se um predomínio da área de Geografia Humana (54%), seguida pela Ambiental (22%), Geografia Física (10%), Cartografia e Informação Geográfica (5%), Ensino de Geografia (4%), Teoria, Método e Evolução do Pensamento Geográfico (3%) (ver gráfico 2). Os trabalhos não especificados (2%) correspondem, na grande maioria dos casos, a títulos de teses e dissertações cujos títulos e resumos não apresentavam conteúdo representativo, tanto em termos de informações disponíveis quanto no que diz respeito à clareza do texto, que nos possibilitasse classificá-los.

Gráfico 2 - Distribuição temática das teses e dissertações (1987-2006).



Fonte: Banco de dados da pesquisa/CAPES, 2010. Organizado por: SILVA, 2017.

O panorama dos trabalhos identificados na categoria Geografia Física nos leva a confirmar os apontamentos levantados na literatura consultada.

Um primeiro aspecto que se pode inferir a partir deste quadro diz respeito à diminuição gradativa da proporção de trabalhos na área de Geografia Física nos últimos anos, aspecto já observado por outros autores (SUERTEGARAY, 2005; 2007; SUETERGARAY e NUNES, 2001). Em 1987, dos 26 títulos analisado 7 (26,92%) foram classificados como temas de Geografia Física. Durante a década de 1990, a proporção de trabalhos na área por ano variou entre 6,28 % e 31,58%. Já na década de 2000, os valores variaram de 7,53% em 2005 a 11,43% em 2002. Considerando o total de trabalhos analisados na pesquisa os de Geografia Física correspondem a 10%. Destes trabalhos, o campo que mais se destacou foi a Geomorfologia com 193 títulos, 48%, do total de 400 trabalhos da área (ver gráfico 3). Segundo George (1978) a geomorfologia constitui

a ciência da observação do terreno e dos efeitos dos mecanismos perceptíveis no presente e susceptíveis de serem projetados no plano das hipóteses de evolução: previsão dos efeitos mais ou menos remotos dos processos em curso e transposição para o passado das imagens evolutivas assim elaboradas, a fim de explicar a gênese das formas (GEORGE, 1978, p. 60).

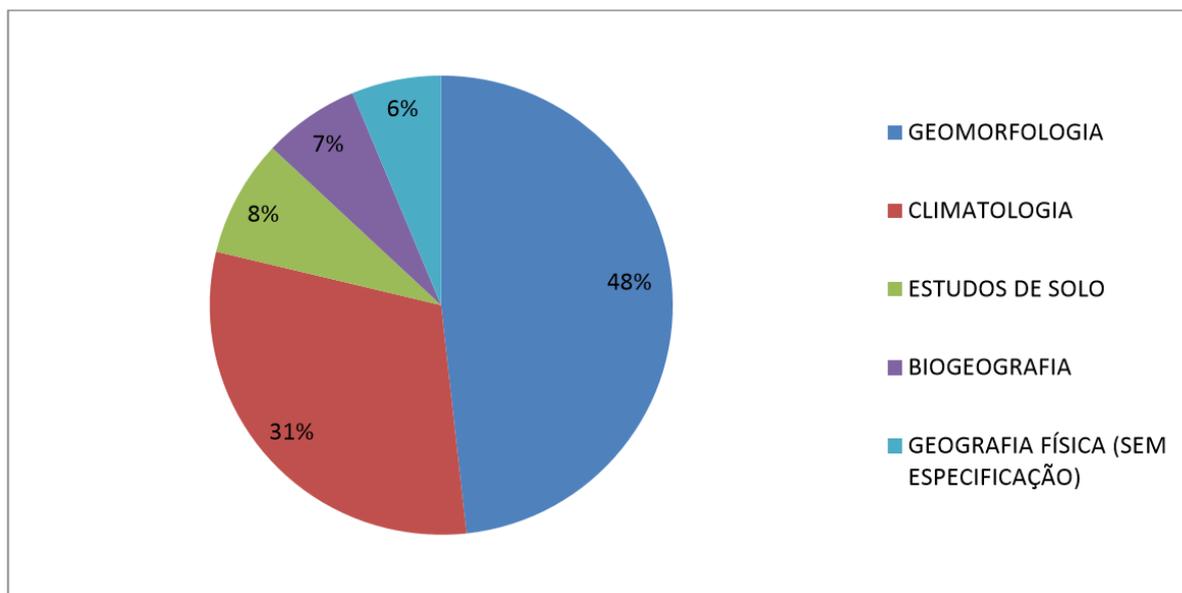
Segundo Marques (2007, p.24)

A evolução do conhecimento humano na direção da Geomorfologia, entretanto, não se restringiu, apenas, a procurar reconhecer tipos de relevo e os processos a eles relacionados. Tem procurado ir sempre além, buscando encontrar respostas para muitas questões que pudessem explicar, por

exemplo, como os processos se articulam entre si; como evoluem os grandes conjuntos de relevo; qual o significado do relevo no contexto ambiental; como interferir ou controlar o funcionamento dos processos geomorfológicos; como conviver com os processos catastróficos; como projetar (no espaço e no tempo) o comportamento dos processos e as formas de relevo resultantes.

Foram considerados trabalhos pertencentes a este eixo, aqueles estudos voltados para analisar a formação do relevo, a sua dinâmica, os fatores condicionantes das formas do relevo, além dos estudos de geomorfologia fluvial e marítima. Vale ressaltar que esta categoria exclui os trabalhos voltados para a dinâmica do relevo que consideram aspectos relativos às relações da sociedade, ou seja, a influência da ação antrópica. Estes trabalhos foram classificados como ambientais. Dessa forma, foram considerados apenas os trabalhos que analisam o relevo a partir dos fatos da natureza.

Gráfico 3 - Distribuição temática das teses e dissertações da área de Geografia Física (1987-2006).



Fonte: Banco de dados da pesquisa/CAPES, 2010. Organizado por: SILVA, 2017.

Nesta área, houve um predomínio de trabalhos sobre a dinâmica do relevo, sobretudo no entendimento dos processos erosivos em vertentes, o estudo de feições erosivas e seus condicionantes. Este quadro demonstra uma mudança de tendência metodológica da área. Segundo Suertegaray (2002, p. 22)

nesse contexto de mudança, passa a Geomorfologia (leia-se geomorfólogos) a preocupar-se com a dinâmica dos processos, com os sistemas de erosão e com a dinâmica da natureza, em contraposição à Geomorfologia que imperou até os anos 50, descritiva e classificatória.

Esta mudança pode ser entendida como reflexo também da emergência da questão ambiental, bem como da adoção de abordagem numa perspectiva geossistêmica que

tem sido adotada com frequência na área de Geografia Física, uma perspectiva que visa integrar os setores tradicionais da Geografia Física, chegando até a considerar aspectos relativos à dinâmica sociedade. Este quadro tem levado a um deslocamento da produção de trabalhos da área de Geografia Física para área Ambiental.

Do ponto de vista da distribuição dos trabalhos, observa-se uma concentração de títulos desta área na região Sudeste do país, seguindo a tendência da geografia como um todo. Destacam-se as seguintes instituições: UFRJ (35,9%) e USP/GF (20,8%).

Dos trabalhos classificados na área de Geografia Física, 122 foram de Climatologia (30,5%). Segundo George (1978), este campo

[...] constitui a parte da pesquisa geográfica cujos limites permanecem menos seguramente configurados. Para definir a climatologia, parece-nos aconselhável partir da noção e da escala do clima” (GEORGE, 1978, p. 66). Para o autor envolve pesquisas de definição de climas (climatologia simples, a exemplos dos trabalhos de Köppen e Martonne), estudo dos mecanismos atmosféricos, estudos de climatologia local “destinada a se estender para o domínio do meio criado e a integrar o estudo das poluições daí advindas” (GEORGE, 1978, p. 68-69), estudos de climatologia “constitui uma introdução a determinados estudos de biogeografia, sobretudo no que diz respeito à distribuição dos germes patológicos” (GEORGE, 1978, p.69).

Na pesquisa, observou-se um predomínio de trabalhos voltado para a análise do clima urbano seguidos por trabalhos que relacionavam a dinâmica climática e a produção agrícola. A produção de trabalhos em climatologia mostrou-se concentrada nas instituições do estado de São Paulo, com domínio da USP (46,7%), seguida por UNESP/PP e UNESP/RC (ambas com 8,3%).

As demais áreas da Geografia Física consideradas tiveram participação inexpressiva no conjunto de trabalhos: estudos de solo (8,6%) e Biogeografia (7,5%). Alguns títulos não foram especificados em virtude de tratarem de temas que integravam aspectos relativos a mais de um setor da Geografia Física, a exemplo de pesquisas que seguem uma abordagem geossistêmica.

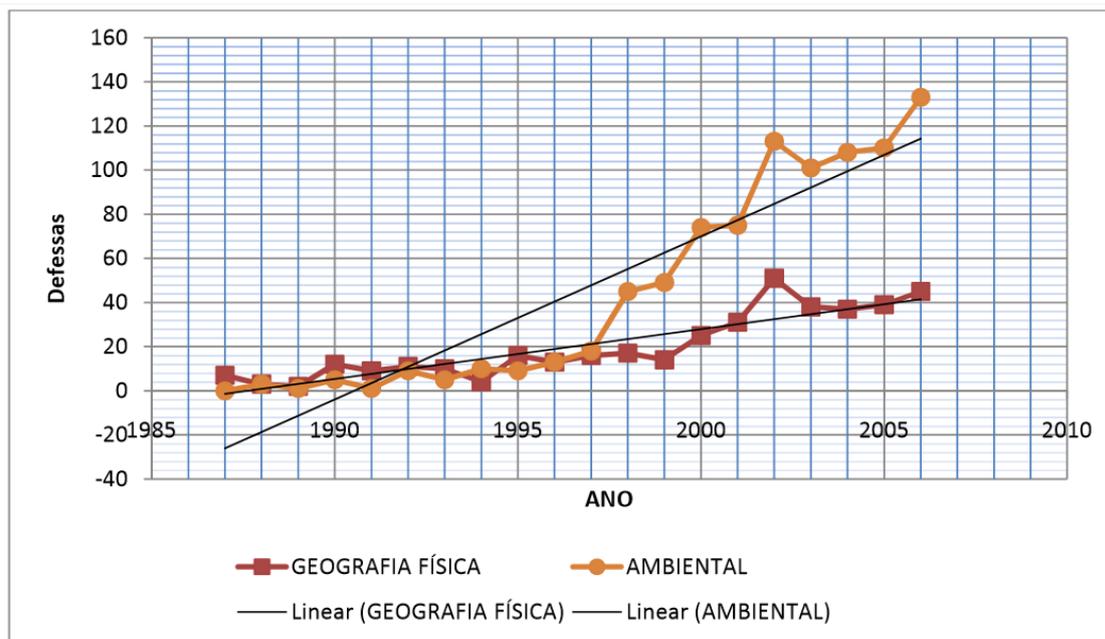
Se por um lado, houve um declínio da proporção de trabalhos no campo da Geografia Física, por outro, é visível a importância atribuída a temas que trabalham questões relativas ao meio ambiente. Do ano de 1997 em diante, a quantidade de defesas na área ambiental é superior aos de Geografia Física (ver gráfico 4). Classificamos os trabalhos nesta categoria segundo a definição de Mendonça (2002):

A geografia socioambiental deve emanar de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre a sociedade e a natureza, explicitem degradação de uma ou de ambas. A diversidade das problemáticas é que vai demandar um enfoque mais centrado na dimensão natural ou mais na dimensão social, atentando sempre para o fato de que a meta principal de tais estudos e ações vai na direção da busca de soluções do problema, e que este deverá ser abordado a partir da interação entre estas duas componentes da realidade (MENDONÇA, 2002, p. 134).

Constatou-se uma tendência ao crescimento desta temática nos últimos anos. Foram identificados 882 títulos, correspondendo a 22,1% do total. Vários autores têm defendido que a emergência da crise ambiental colocou para a Geografia a

necessidade de repensar a dicotomia Geografia Humana e Geografia Física. A perspectiva ambiental surge, então, como tentativa de unificar a disciplina. A pesquisa apontou um predomínio de trabalhos sobre análise ambiental, diagnóstico ambiental, planejamento e gestão, poluição dos recursos hídricos, gestão e destino de resíduos sólidos, entre outras temáticas.

Gráfico 4 - Evolução da quantidade de títulos defendidos nas áreas de Geografia Física e Ambiental (1987-2006).



Fonte: Banco de dados da pesquisa/CAPES, 2010. Organizado por: SILVA, 2017.

Com relação à distribuição geográfica dos trabalhos houve uma concentração de trabalhos na USP/GF (12,5%), UFRJ (10,1) e UNESP/RC (6,9%). Por outro lado, considerando a produção específica por programa de pós-graduação, percebe-se melhor o alcance da temática ambiental. Em 19 dos 29 programas, os estudos ambientais representam a maior quantidade de defesas durante o período analisado, superando setores específicos da Geografia Humana, como Geografia Urbana e Geografia Agrária: (UECE, UEL, UEM, UERJ, UFC, UFG, UFMG, UFMS, UFMT, UFPR, UFRGS, UFRJ, UFSC, UFSM, UFU, UNB, UNESP/RC, UNICAMP e USP/GF).

A área de Geografia Humana mantém sua hegemonia como principal foco de interesse dos profissionais na área de Geografia no Brasil.

No campo da Geografia Humana, houve o predomínio das áreas de Geografia Urbana e Geografia Agrária, 26% e 19%, respectivamente (ver gráfico 5). Broek (1981) considera os seguintes aspectos relativos aos estudos de geografia urbana: distribuição das cidades (lugares centrais), situação e local, estrutura interna (disposição ou plano, anatomia e funcionalidade, fisiologia). Segundo Mayer e Kohn (1959, apud BROEK, 1981, p. 62) “a geografia urbana destaca os conceitos de localização, interação, circulação e acessibilidade, bem como a distribuição e os movimentos da população” (MAYER e KOHN, 1959, apud BROEK, 1981, p. 62). Mais recentemente os estudos de geografia urbana além destes aspectos passaram a

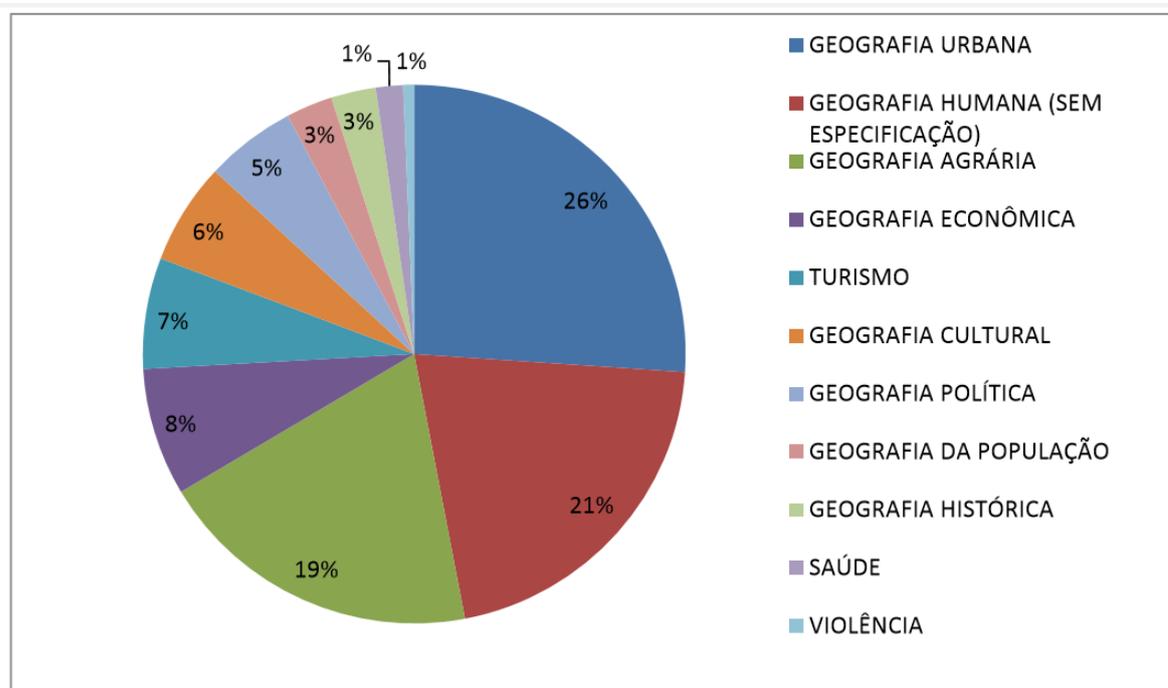
analisar a cidade considerando os processos de industrialização e urbanização e seus efeitos na organização espacial. Segundo Andrade (1995) o percentual de população urbana elevou-se de 34,24% em 1940, para 75,74% em 1991, mudança ocasionada em função do êxodo rural a partir da expulsão do agricultor ou trabalhador assalariado que é obrigado a se fixar nas cidades, passando a formar uma população marginalizada. Múltiplos problemas surgem a partir deste contexto, despertando o interesse de diversos pesquisadores.

Houve, nesta área, um predomínio de trabalhos relacionados à produção do espaço urbano segundo uma perspectiva da Geografia Crítica baseada principalmente no materialismo histórico. Segundo Carlos (1993; 2002), esta tendência teria fundamentado a maioria esmagadora dos trabalhos publicados na área no Brasil a partir da década de 1970, quando ocorre a renovação da disciplina. O reflexo desta tendência foi o predomínio de trabalhos que consideram as contradições das relações sociais e seus efeitos na organização do espaço. Trata-se de uma perspectiva que considera a geografia uma ciência social cujo propósito deve estar vinculado a um engajamento político. O caráter político desta perspectiva atribui aos trabalhos um sentido de busca por transformações na sociedade. O processo de urbanização é considerado na medida em que reproduz uma espacialidade na cidade marcada por contradições que reflete a luta de classes no interior de uma sociedade capitalista.

A mesma tendência pode ser atribuída aos estudos de Geografia Agrária. Os efeitos da modernização do campo no Brasil, na organização do trabalho no campo, bem como a luta pela terra constituíram as temáticas mais proeminentes no conjunto de trabalhos classificados. A análise de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento do campo imprime uma crítica à participação do Estado na organização do espaço no campo no país.

Uma quantidade significativa de trabalhos não foi identificada (21%), constituindo uma tendência, assim como ocorreu na área de Geografia Física, de estudos que buscam abranger diferentes aspectos da realidade.

Gráfico 5 - Distribuição temática das teses e dissertações na área de Geografia Humana (1987-2006).



Fonte: Banco de dados da pesquisa/CAPES, 2010. Organizado por: SILVA, 2017.

Na área de Geografia Econômica (8%) foram considerados principalmente os trabalhos relativos à atividade industrial. Além deste, consideramos os títulos relativos à infraestrutura, transporte, políticas de desenvolvimento econômico, pólos de desenvolvimento, modernização tecnológica e redes geográficas.

Os estudos sobre turismo constituem uma das tendências na Geografia Humana que tem mais despertado interesse nos últimos anos (7%). O tema tem aparecido principalmente em estudos que visam analisar o potencial da atividade turística no desenvolvimento local, bem como da influência da atividade na dinâmica espacial. As críticas a políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da atividade e a necessidade de planejamento constituem outros temas recorrentes. Os estudos de Geografia Cultural foram considerados a partir da definição de Corrêa (2010):

A geografia cultural não tem um objeto empírico próprio, considera tanto o passado como o presente e o futuro, realiza estudos em várias escalas espaciais, tem uma inerente característica política e, essencialmente, distingue-se por uma específica abordagem, focalizada na análise dos significados que os diversos grupos sociais atribuem, em seu processo de existência, aos objetos e ações em suas espaçotemporalidades (CORRÊA, 2010, p. 175).

Estes estudos se pautam, sobretudo na fenomenologia e têm despertado interesse e figurado como alternativa aos estudos de Geografia Humana que seguem uma

abordagem materialista. São temas recorrentes nestes estudos percepção ambiental, representação social, identidade, espaço vivido, entre outros.

No campo da Geografia Política, percebe-se uma carência de estudos nesta área, apenas 5% dos títulos de Geografia Humana. Para Costa (2010) as pesquisas em geografia política envolvem um amplo e dinâmico campo multidisciplinar. Os estudos não desfrutam a importância dos estudos urbanos ou econômicos, que são os preteridos do momento. O autor defende a necessidade de ampliação do horizonte destes estudos na área de Geografia Humana:

Constatando que até o momento a geografia política ocupava-se exclusivamente do Poder ('maiúsculo', como diz), defende-se que se trata, agora de examinar os outros tipos de poder ('minúsculo'), este sim essencial, pois 'insidioso', presente em todas as 'fissuras' das relações sociais, 'multidimensional', mais perigoso que o primeiro ('visível, massivo, identificável), pois este não se vê. A sua ênfase será dada, então, ao poder como forma de controle social sob todos os tipos de sua manifestação: controles relativos à população, gestão dos fluxos migratórios etc. Além disso, examina em detalhe as relações entre poder e linguagem, religião, raças e etnias etc., em que 'todas as formas de discriminação' estão presentes (COSTA, 2010, p. 319).

Sobre os estudos de Geografia da População, Broek (1981) considera os seguintes aspectos relacionados: distribuição, crescimento diferencial da população, densidade da população e movimentos de população. O conceito de população passou por uma crítica nas últimas décadas, principalmente por se mostrar sob um viés estatístico (MOREIRA, 2006). Segundo Damiani (1997, p. 78), "como conceito, a população se esvazia. Ele é sobretudo uma forma de controle e conhecimento sobre as pessoas, que não tem data". Pode-se inferir que com a emergência da Geografia segundo uma abordagem crítica os trabalhos sobre população foram se tornando cada vez mais escassos ou seu conteúdo passou a estar disperso, associando-se a diferentes temas como nos trabalhos de geografia urbana, principalmente aqueles acerca da urbanização. Considerando os trabalhos que tem como foco a dinâmica populacional (3%) a pesquisa apontou que grande maioria dos estudos tratava da mobilidade populacional.

Foram identificados outros temas de Geografia Humana com menor participação: Geografia Histórica (3%), Saúde (1%) e Violência (1%). A Geografia Histórica tem como característica a reflexão sobre situações passadas com enfoque na relação da sociedade e natureza. Nesta categoria foram identificados estudos na interface com a arqueologia e estudos sobre urbanização, entre outros temas. Com relação aos estudos de saúde, estes se caracterizam por apresentar uma contribuição dos estudos geográficos para a área de saúde. Os trabalhos buscam identificar os condicionantes ambientais de certas patologias com vistas em contribuir para um maior controle. Entre estes condicionantes, o clima se destaca, sobretudo, no que diz respeito à incidência de doenças respiratórias. Com relação aos trabalhos sobre violência, deve-se ressaltar que geralmente estão relacionados à identificação da incidência de crimes em cidades, especialmente os homicídios.

Sobre a distribuição geográfica das temáticas em Geografia Humana, temos como principal local de defesa a USP (23,9%), seguida por UFRJ (8,2%) e UNESP/PP (7,7%).

A definição da categoria Cartografia e Informação Geográfica procurou considerar os trabalhos sobre cartografia e informação geográfica com destaque para o emprego de ferramentas de informática na pesquisa e no planejamento. O Sistema de Informação Geográfica bem como o uso do geoprocessamento, constituem temas que tem ganhado destaque nas instituições de pesquisa, ressaltando principalmente a aplicação destas ferramentas na área ambiental, com vistas em avaliar seu potencial como auxílio a políticas públicas. Os trabalhos classificados neste item corresponderam a 5,1% do total.

Os trabalhos de Ensino de Geografia correspondem a apenas 4% dos títulos classificados. Esta categoria abrange os trabalhos que tratam sobre o ensino de geografia, principalmente no nível básico. Destacaram-se os trabalhos sobre didática do ensino de Geografia, conteúdo do ensino de Geografia e formação docente.

Por fim, a categoria Teoria, Método e Evolução da Geografia foram considerados os trabalhos que discutissem aspectos teórico-metodológicos da disciplina, além daqueles sobre evolução do pensamento geográfico. Corresponderam a 2,5% dos títulos classificados. A maioria destes trabalhos discutia questões conceituais da disciplina, principalmente sobre as categorias espaço, região, lugar, paisagem, território, além da análise da contribuição de obras de diferentes autores para a disciplina.

## **CONCLUSÃO**

A pesquisa teve como objetivo principal inventariar a produção científica da geografia no Brasil considerando as temáticas de teses e dissertações de programas de pós-graduação credenciados pela CAPES. A revisão bibliográfica indicou um conjunto ainda escasso de trabalhos sobre estado da arte da Geografia no Brasil, embora possamos considerar que os existentes constituem uma fonte de informação significativa sobre o desenvolvimento da disciplina. Dessa forma, a pesquisa vem somar esforços no sentido de registrar que aspectos têm sido abordados pelos pesquisadores da área no país.

No período analisado, identificamos um domínio da área de Geografia Humana, principalmente das temáticas ligadas à Geografia Urbana e Geografia Agrária. Embora se possa acreditar na multiplicidade de perspectivas e abordagens teóricas vigentes neste campo, é notável o predomínio de trabalho sob uma perspectiva da Geografia Crítica, que passou a constituir o principal referencial da disciplina a partir da década de 1970, tendo como principal enfoque a abordagem do fator econômico. Por outro lado, a ocorrência de trabalhos não especificados pode indicar uma tendência à integração de diferentes eixos temáticos, com vistas a alcançar uma abordagem mais abrangente. Além disso, o crescimento de trabalhos na área de Geografia Cultura, tendo como base teórica a fenomenologia indica o fortalecimento de uma abordagem alternativa a perspectivas materialista. Pesquisas mais restritas, considerando setores específicos da área, abordando aspectos teórico-metodológico podem esclarecer melhor as transformações recentes na área de Geografia Humana.

Na área de Geografia Física, nota-se um declínio da proporção de trabalhos ao longo dos últimos anos, indicando um maior interesse dos profissionais por temas relacionados à questão ambiental. Este fator indica a perda de interesse dos profissionais em limitar sua análise a um aspecto da natureza. Busca-se cada vez mais uma abordagem que abarque as relações, sobretudo segundo um enfoque sistêmico. Com este novo quadro tem se vislumbrado a consolidação de uma tendência que busca integrar conhecimentos relativos tanto a Geografia Física (natureza) quanto a Geografia Humana (sociedade). Nesta perspectiva é marcante o interesse do profissional em responder a demandas da sociedade, que passou nos últimos anos a avaliar comportamentos e atitudes em relação ao meio ambiente, como uma medida para assegurar a sua sobrevivência.

Paralelamente a emergência da questão ambiental, o desenvolvimento de pesquisas na área de Cartografia e Informação Geográfica evidencia um crescente interesse na aplicação de ferramentas na análise de diversas temáticas no campo do conhecimento, reflexo do desenvolvimento tecnológico alcançado pela sociedade nos últimos anos. O desenvolvimento recente desta área, sobretudo considerando o uso da computação, atribui à grande parte dos trabalhos um caráter distinto. Busca-se principalmente avaliar o emprego de diversas ferramentas, sobretudo referentes a Sistemas de Informação Geográfica e imagens de sensores orbitais, a fim de identificar seu potencial de análise como subsídio em ações de planejamento. Os temas associados refletem as tendências vigentes na disciplina, com destaque para questão ambiental, além do planejamento urbano e da produção agrícola.

Acreditamos que com esta pesquisa possamos contribuir para o debate sobre a prática do profissional da Geografia no Brasil, dada a importância da permanente reflexão ante o nosso fazer diante dos problemas concretos da sociedade que despertam interesse pelos profissionais da área.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. A Geografia e a questão social. GEOSUL, Santa Catarina, n. 19-20, p. 7-23. 1995.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução de Luíz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BROEK, J. O. M. Iniciação ao estudo da geografia. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- CARLOS, A. F. A. Os Caminhos da Geografia Humana no Brasil. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 71, p. 129-142, 1993
- CARLOS, A. F. A. A Geografia hoje: algumas reflexões. Terra Livre, São Paulo, n. 18, p. 161-178, 2002.
- CORRÊA, R. L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Introdução à geografia cultural. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COSTA, W. M. da. Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

DAMIANI, A. L. População e geografia. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA, N. S. de A. Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000188497>>. Acesso em: 06 nov. 2008.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302002000300013&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302002000300013&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 14 Jan 2008.

GEORGE, P. Os métodos da geografia. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

MARQUES, J. S. Ciência Geomorfológica. GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. (Orgs.). Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. 7ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MENDONÇA, F. de A. Geografia Socioambiental. In: MENDONÇA, F. de A.; KOZEL, S. (Orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Editora da UFPR, 2002, p. 121-144.

MONTEIRO, C. A. de F. A Geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e Tendências. Série Teses e Monografias, n.37, IG/USP, 1980.

MOREIRA, R. Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

SUERTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da geografia Física. Terra Livre, São Paulo, n.17, p.11-24, 2001.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física e geomorfologia: uma (re)leitura. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A. O atual e as tendências do ensino e da pesquisa em Geografia no Brasil. Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 16, p. 38 - 45, 2005. Disponível em: <[http://www.Geografia.fllch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG\\_16/Dirce\\_Maria\\_Antunes\\_Suertegaray.pdf](http://www.Geografia.fllch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_16/Dirce_Maria_Antunes_Suertegaray.pdf)>. Acesso em: 12 de nov. de 2007.

SUERTEGARAY, D. M. A. Rumos e rumores da Pós-graduação e da pesquisa em Geografia no Brasil. Revista da ANPEGE, v. 3, p. 17 - 31, 2007. Disponível em: <[http://www.revista\\_anpege.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=2&layout=abstract](http://www.revista_anpege.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=2&layout=abstract)>. Acesso em: 12 de nov. de 2007.

*Submetido em: 21/08/2017*

*Aceito para publicação em: 13/02/2018*